

TEXTOS, LEITORES E PÓS-MODERNISMO: O ROMANCE COMO FONTE NA HISTÓRIA DO ESPORTE¹

Martin Johnes²

Swansea University

País de Gales

m.johnes@swan.ac.uk

Resumo:

Este artigo examina os recentes apelos para a uma maior utilização de ficção como fonte para a História do Esporte. Influenciados por ideias pós-modernistas e por uma apreciação da natureza mediada de grande parte do esporte, historiadores como Jeff Hill sugerem que a ficção seria uma “força social” que moldava como as pessoas compreendiam o mundo ao seu redor. De forma semelhante, Jonathan Rose clamou por uma história dos leitores, não apenas dos textos. Este artigo explora tais ideias através do exemplo de um romance sobre boxe, de 1953. Argumenta-se que, apesar do poder de persuasão das ideias pós-modernas, colocá-las em prática é muito difícil. Romances são fontes inestimáveis para a História do Esporte, que tanto refletem como contribuem para o contexto em que são produzidos. No entanto, provar tais afirmações é problemático, especialmente ao lidar com obras de ficção esportiva há muito tempo esquecidas. Ainda assim, um estudo da recepção e da influência de romances pode mostrar que o pós-modernismo não deve ser descartado como uma postura abstrata ou como um sinal do fim da História, mas como um apelo para reivindicações mais sutis e modestas sobre o que podemos conhecer do passado.

Palavras-Chave: literatura; ficção; pós-modernismo.

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, v. 34, n. 1, p. 121-133, 2007. Traduzido com autorização dos autores e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte. Tradução: Maurício Drumond.

² Este artigo foi lido ou escutado por muitas pessoas antes de sua publicação. Algumas concordaram com todo o artigo, e algumas com parte dele. Caso alguém não tenha concordado com nada deste artigo, teve a educação de não me relatar. Nem sempre fiz mudanças de acordo com as sugestões feitas, mas sou grato a todos que se dispuseram a comentar. Sou especialmente grato a um dos pareceristas do *JSH* que escreveu um estimulante e longo comentário, e ao saudoso Vernon Scannell, cujo “texto” me levou ao ringue.

Abstract:

Texts, Audiences, and Postmodernism: The Novel as Source in Sport History

This paper examines recent calls for a greater use of fiction as source material for sport history. Influenced by postmodern ideas and an appreciation of the mediated nature of much sport, historians such as Jeff Hill have suggested that fiction was a “social force” that shaped how people understood the world around them. In a similar vein, Jonathan Rose has called for a history of audiences rather than just texts. This paper explores such ideas through the example of a 1953 boxing novel. It argues that despite the persuasiveness of postmodern theoretical positions, actually putting them into practice is very difficult. Novels are invaluable sources for sport history, and they did both reflect and contribute to the context that produced them, but proving such claims is problematic, especially when dealing with long-forgotten works of sporting fiction. Nonetheless, an exploration of the reception and influence of novels shows that postmodernism should not be dismissed as abstract posturing or a signal of the end of history but rather as a call for more nuanced and modest claims about what we know about the past.

Keywords: literature; fiction, postmodernism.

Vernon Scannel nota, em seu romance de 1953, *A Luta (The Fight)*, que o boxe “se tornou tão altamente comercializado” que os pugilistas são obrigados a “recorrer a todos os tipos de atividades, nem remotamente ligadas a seus verdadeiros ofícios de luta, para poderem aumentar o valor de suas bilheterias”. Boxeadores campeões, escreve Scannel, são divulgados da mesma forma que atores de cinema, com suas excentricidades sendo tão difundidas na imprensa popular que “descobrimos quase sem nenhuma surpresa que (...) um campeão meio-médio lê Proust no banheiro”. Nós sabemos, no entanto, que o herói fictício deste livro em particular, Dave Sloane, campeão peso-médio do império britânico, é um lutador tradicional e nunca escutou falar em Proust (SCANNELL, 1953, p. 65).

A escrita de Proust, com seus pastiches, suas indefinidas fronteiras entre fato e ficção e colagens fragmentadas de imagens, possui muitas das características do pós-modernismo, um conceito tão escorregadio que poucos de seus proponentes ou de seus oponentes concordam com seu significado. Na verdade, a própria natureza do pós-

modernismo deveria significar que uma única definição concreta é tão indesejável quanto impossível. No entanto, não importando como seja definido, seus proponentes o veem como algo mais do que apenas a mais nova ferramenta interpretativa. Ao invés disso, caso optemos por reconhecê-lo ou não, o pós-modernismo é a condição intelectual na qual vivemos, uma condição que limita o que podemos saber sobre o passado. Essa condição não veio após alguma outra, moderna ou não. Sempre foi assim. Essa condição demanda que o historiador se afaste de explicações absolutas, sejam elas grandes teorias que expliquem grandes partes da história ou relatos menores, mais precisos, de eventos individuais. No lugar disso, os historiadores deveriam priorizar os vieses das fontes e as leituras que fazemos delas. Reconhecer a condição pós-moderna significa reconhecer que o relato de um historiador é uma interpretação do passado baseada em fontes que são, elas mesmas, interpretativas. A verdade, para a História, seria assim algo inatingível. Não podemos falar no que aconteceu, somente no que pessoas falaram e pensaram ter ocorrido. Além disso, uma vez que nem os participantes nem os observadores de um evento histórico podem articular o que aconteceu sem recorrer ao reino subjetivo da linguagem, o que as pessoas falaram e pensaram talvez seja mais relevante do que o que realmente sucedeu. Em suma, reconhecer a condição pós-moderna significa reconhecer que as fontes só nos falam diretamente sobre fontes. A realidade material do passado só pode ser acessada, dessa forma, através dos filtros que distorcem os textos deixados para trás. Dessa forma, nunca poderemos realmente conhecer o passado³.

³ A literatura sobre o pós-modernismo é extensa e nem sempre de fácil leitura. Para introduções sobre o assunto, ver Jenkins (1991) e Thompson (2004). A resposta de Richard Evans (2001) é um clássico de agradável leitura. Para perspectivas pós-modernas sobre o esporte, ver os trabalhos de Douglas Booth (2005) e Murray G. Phillips (2006).

Ainda que tais ideais estejam em moda entre a maioria dos historiadores acadêmicos, sua influência na presente maneira de se escrever a História (ao invés de escrever sobre a prática histórica) foi apenas um pouco maior do que a de Proust sobre o boxe. A maior parte dos historiadores pode aceitar que a objetividade é impossível, mas eles não concordam que não haja correspondência direta entre suas fontes e o passado material. Não obstante, o pós-modernismo criou um grau de defesa metodológica entre os historiadores convencionais e talvez tenha acentuado a confiança em fontes cuja credibilidade é de mais fácil defesa. A obra de ficção, ao ser utilizada como fonte histórica, é vista como duvidosa e não objetiva, e por isso é tratada com grande ceticismo.⁴ Mas isso não significa que historiadores tradicionais tenham se absterido do uso da ficção. O historiador John Tosh (2002, p. 141) notou que, em suas descrições do passado, historiadores “lutam para criar em seus leitores a ilusão da experiência direta, ao evocar uma atmosfera ou a arranjar uma cena (...). Isso requer um poder imaginativo e um olho para detalhes não muito diferentes daqueles do romancista ou do poeta”. Recorrer ao trabalho de romancistas e poetas é um meio de evocar tal atmosfera. Por exemplo, como nota o historiador Doug Booth, o livro de Allen Guttman, *From Ritual to Record* (1978), utiliza romances “por suas descrições e destilações evocativas, assim como *insights* corroborativos, do meio social e moral do futebol americano e seus códigos peculiares, [mas] não para extrair fatos ou explicações causais” (BOOTH, 2005, p. 251). De forma similar, em um estudo de dois romances sobre futebol, o sociólogo Alan Bairner (2000, p. 42) conclui: “ainda que esses romances façam pouco mais do que confirmar o que já sabemos por meio de outras fontes, eles o fazem de maneira que talvez possa nos aproximar

⁴ Ver James Allen (1983) e os exemplos em Keith Thomas (1988).

mais à alma do jogo do que qualquer outro material arquivístico.” Dessa forma, na pesquisa histórica convencional, os romances podem não ser considerados tão confiáveis quanto outras fontes, mas são utilizados para encapsular e comunicar o sentimento e a atmosfera de um tópico. Como resumiu o historiador Keith Thomas (1998, p. 8), se nós “dominarmos as convenções linguísticas empregadas por um escritor em particular (...) poderemos utilizar seu texto para estabelecer um contato real com a realidade histórica em que foi concebido”.

Visões pós-modernas sugerem, no entanto, que a ficção possa ser utilizada de forma mais substancial como fonte histórica. De acordo com o modelo pós-moderno de história, um romance é apenas mais um texto em um mundo de textos, um mundo onde a objetividade é inatingível, onde distinções entre fontes primárias e secundárias são turvas, onde a realidade material e os discursos estão emaranhados. É evidente que alguns textos são mais significantes do que outros e que a ficção requer interrogações mais complexas do que fontes “factuais”, mas todos os textos necessitam de exame e consideração. Há algo a ser destacado mesmo nas fontes mais efêmeras. Ademais, os próprios textos possuem força. O texto – o que as pessoas leem, seja um jornal, em panfleto político, ou um romance – podem moldar e influenciar o ponto de vista do leitor sobre o mundo (Thomas, 1998, p. 16)⁵. Jeff Hill foi um historiador do esporte que começou a explorar tal tema. Assim como muitos outros, ele destaca que a experiência do esporte profissional é uma experiência mediada. A maior parte das pessoas não vivencia o esporte em primeira mão, mas através da leitura sobre o mesmo, assistindo-o na televisão ou o escutando no rádio. Isso significa que a mídia não apenas reflete a visão das pessoas sobre o esporte, mas também contribui

⁵ Essa ideia tinha certo reconhecimento antes do pós-modernismo se tornar influente, mas sua articulação e base teórica foram em grande parte desenvolvidas pelo pós-modernismo.

para sua formação (HILL, 2002, capítulo 3). A mídia do esporte inclui ficção, e Hill argumenta que historiadores deveriam encarar romances seriamente como fontes históricas. Eles são parte do “processo de ‘conhecimento’ do mundo, [e] não apenas um repositório passivo de significados criados em algum outro lugar”. Os romances são “uma força social [...], textos que operam na sociedade e que comunicam significados sobre seu objeto a seus leitores” (HILL, 2004)⁶. Dessa forma, o texto literário, ele afirma, “desempenha um papel ideológico importante e ativo na criação de toda ‘experiência’ social e cultural” (HILL, 2005, p. 419).

Tais argumentos são persuasivos e certamente influenciaram minha escrita sobre a história do futebol (JOHNES, 2002; JOHNES e MELLOR, 2006). Mas eles se desviam de uma consideração direta sobre o que os leitores dos textos pensavam de fato. Isso não significa que a questão da recepção do leitor seja desconsiderada, mas apenas que ela vem sendo evitada. Isso pode ser observado no trabalho de Michael Oriard (1993), um historiador que argumenta, muito persuasivamente, que a mídia foi instrumental ao informar a compreensão popular sobre o futebol americano. Ele reconhece que a “intangibilidade final do coração e da mente do torcedor” é uma fraqueza em potencial de sua metodologia, mas sustenta que ao “reconstruir o mundo da mídia do futebol completamente”, com todas as suas diferentes narrativas e relações com as audiências, o historiador pode determinar, em uma “arte de aproximação”, o que o esporte significava para as pessoas (ORIARD, 2006, p. 79). Como demonstrado por Hill (2006a), o problema com esse argumento é que ele depende da premissa que os jornais dão a seus leitores o que

⁶ Ver também o livro de Jeffrey Hill, “Sport and literary imagination” (2006b), publicado após a aprovação deste artigo para publicação.

eles desejam. Assim, precisamos ultrapassar esse ponto e nos mover do texto para os receptores. Mas como fazê-lo? Como poderemos saber de fato como os textos eram lidos e qual era a sua influência?

Tendo em vista as restrições colocadas sobre o conhecimento histórico pela condição pós-moderna, essas questões são impossíveis de serem respondidas. No entanto, o pós-modernismo não deve significar o sinal do fim da história, mas apenas um relato do passado mais modesto e cuidadoso. Na próxima parte deste artigo, discutirei como é possível explorar a significância e a influência histórica de um romance, mesmo que nunca possamos realmente “saber” ou provar sua significância. Ao fazê-lo, espero demonstrar que ainda que o pós-modernismo desafie a prática histórica e a natureza do saber histórico, isso não quer dizer que não possamos desenvolver explicações plausíveis sobre o passado.

Focarei meus argumentos em um romance em particular, ao qual me referi no início do artigo, *A Luta*, de Vernon Scannell, publicado em 1953. Este texto não foi escolhido de forma aleatória, como se nenhum texto fosse mais significativo do que outro. Este romance é um bom estudo de caso justamente por ser informativo sob o ponto de vista histórico. É evidente que há algo de artificial em se limitar o estudo sobre como textos influenciam seus leitores a apenas um romance, visto que as pessoas eram consistentemente expostas a um grande número de textos. Mas o propósito deste artigo é explorar como romances podem ser interrogados como fontes, e não apresentar um exame sobre todo o universo discursivo de um gênero ou de um grupo de leitores.

O Texto

A *Luta* não é um livro muito conhecido – somente o descobri pesquisando poesia de boxe na internet – mas é uma boa leitura. De acordo com a propaganda estampada na sobrecapa, *A Luta* é um “poderoso romance sobre as emoções humanas e o drama do ringue”. O livro é centrado em dois boxeadores, Dave Sloan, campeão peso-médio do império britânico, e Johnny Blake, um jovem talento cotado para o título mundial. O principal protagonista do livro, no entanto, é Philip Dobson, um jornalista de boxe frustrado de um jornal popular inglês que bebe demais e tem ambições na poesia. A luta do título do livro é o confronto entre Sloane e Babe Simon, um lutador negro norte-americano, campeão do mundo. O combate proporciona o clímax dramático do romance e se prova fatal para Sloane. Paralelamente à trama do boxe, há o drama do casamento falido de Dobson e um caso amoroso entre o jovem Blake e a esposa do agente de Sloane.

A própria vida agitada de Scannell significava que ele estava em posição de escrever sobre tais temas. Nascido em 1922, filho de um fotógrafo, o autor trabalhou em uma firma de contabilidade antes da Segunda Guerra Mundial, mas tinha ambições tanto na literatura quanto no boxe. Ele se alistou em 1940, serviu no Oriente Médio e na França, mas desertou após o fim da guerra na Europa. Nos dois anos seguintes, lutou boxe profissionalmente em Londres e depois como amador em Leeds, onde também cursou a universidade. Sua proeza no ringue foi confirmada quando conquistou os títulos de meio-médio, peso-médio e cruzador em campeonatos universitários. Em 1947 ele foi preso por deserção e foi mandado para um hospital psiquiátrico militar. Após rápida liberação do hospital e do exército, escreveu algumas poesias e arrumou diversos empregos lavando louças, planejando anúncios para uma revista e lutando em companhias itinerantes de boxe.

Em 1950 Scannell se estabeleceu trabalhando como professor em Londres, começou a escrever seriamente e, em 1953, *A Luta* foi publicado (SCANNELL, 1971; SHERRY, 1984, p. 305-312). Apesar de ter escrito outros romances populares, foi como poeta, em especial como poeta de guerra, que Scannell conquistou sua reputação como um escritor respeitado.

O que nos interessa como historiadores não é a qualidade literária de *A Luta*, ainda que seja muito bem escrito, mas o seu tratamento de certos temas⁷. O romance tem muito a informar não apenas sobre o boxe nesse período, mas também sobre raça, gênero e classe. Neste artigo, me concentrarei em apenas um desses temas – raça – e o usarei como uma ferramenta para considerar os desafios práticos e teóricos de se utilizar romances como fontes ao se produzir história do esporte.

A questão de raça corre por *A Luta* em segundo plano. O desenvolvimento da história até a luta de Sloane contra o negro Black Simon pelo título mundial fornece o pano de fundo, e a discussão sobre a habilidade e a personalidade de Simon reaparece ao longo do texto. Em tais momentos, muitos personagens masculinos se referem a ele repetidamente como “crioulo” (*nigger*). Até mesmo na década de 1950 este já era um termo pejorativo, mas seu uso nos diálogos do livro denota mais um preconceito casual do que manifesta hostilidade. Dentre as pessoas envolvidas no jogo de luta, é misturado com respeito, ou mesmo admiração, pelas habilidades de Simon dentro do ringue. Isso se torna mais aparente quando Dobson escreve um artigo elogiando Simon, entusiasmado em relação aos aspectos estéticos de sua luta. Dobson destacava:

⁷ Como devidamente apontado por James Smith Allen (1983, p. 238), os historiadores tem se preocupado demasiadamente em utilizar “grandes” romances, o que é um erro, uma vez que a grandeza desses trabalhos vem de suas qualidades literárias e não históricas.

Não seria possível escrever sobre ele como se fosse apenas mais um lutador qualquer, nem mesmo um grande lutador. Havia algo a mais nele. Ele tinha qualidades que estavam acima do normal; podia-se sentir a ausência de todos os impulsos degradantes e animais comuns ao tipo humano médio. Na harmonia de sua beleza física havia uma qualidade peculiar, uma ausência do óbvio magnetismo sexual, como se ele fosse, na realidade, uma estátua – um Rodin feito em ébano (SCANNELL, 1953, p.54).

No entanto, até mesmo Dobson se refere a Simon como “crioulo” de vez em quando. Assim, aqui há um indício de que o boxe tanto libertava quanto insultava os lutadores negros. Era uma rota de aceitação e respeito que era impossível na maioria das esferas da vida, mas tal respeito ainda era contido nos preconceitos sociais mais amplos e mais mundanos da vida cotidiana. Para a comunidade do boxe do romance, Simon era um grande lutador, mas ainda era um “crioulo”. Esse preconceito pode não ter significado nada em um sentido mais explícito, mas ainda assim ele existia, à espreita, no pano de fundo.

Fora da comunidade do boxe, onde a imigração negra foi considerada prejudicial à vida e cultura britânica, tais preconceitos significavam mais, sendo assim mais abertos. O editor de Dobson reclama de seu estilo literário: “Todo esse negócio sobre mistério primitivo e sabedoria do sangue. E *Bonito! Bonito* sobre um negro; sobre o campeão peso-médio do mundo!” (SCANNELL, 1953, p. 52). Ao expressar sua admiração pelo físico de Simon, Dobson ofendeu as sensibilidades racial e masculina de seu editor. Para os de fora, o boxe era duro, não belo. Os fãs da luta eram ainda mais brutos em seus preconceitos, como as duas conversas abaixo ilustram:

“Esse sujeito Simon pode machucá-lo. Já aconteceu antes. Machucou ele seriamente: cegou ele, ou algo assim; Esses crioulos são diferentes. Eles não são como nós. Primitivos, isso é o que eles são.”
“Selvagens” adicionou seu companheiro (SCANNELL, 1953, p. 149).

“São todos os mesmos, esses crioulos”, o freguês falava. “sem coragem. Acerte-os forte e no local certo e eles fogem imediatamente. Na barriga. É lá que eles não aguentam.”

O proprietário concordou com a cabeça e resmungou, sem compromisso, entediado, mas mantendo a educação.

“Com o Louis foi a mesma coisa. Todos tinham medo dele. Você só precisa encará-los para que eles se dobrem. Sem coragem”.

Dobson sentiu a raiva ligeiramente acelerando seu pulso. Por que esses idiotas precisam sempre falar de coisas das quais não sabem nada? (SCANNELL, 1953, p. 17).

Entre as mulheres, a atitude em relação a Simon se complica devido à sua beleza. Elas são mais propensas a se referir a Simon mais educadamente, como “homem de cor”, mas ainda têm uma consciência aguda dele como diferente, como “outro”. A esposa do agente de Sloan destaca: “Ele é bonito – para um negro, quero dizer” (SCANNELL, 1953, p. 34). Outra garota se escandaliza quando sua amiga comenta sobre a boa aparência da Simon: “Irene! [ela diz] Ele é negro!” Ao que sua amiga responde: “Bem, e daí se ele é? Eu acho ele lindo” (SCANNELL, 1953, p. 148).

Temos assim três tipos de preconceito: o desprezo evidente de alguns fãs; o respeito do meio do boxe profissional, baseado na conquista em valores compartilhados, mas misturado com preconceito; e a consciência educada das mulheres quanto à diferença. Todos os três tipos de atitudes raciais eram comuns na Grã-Bretanha nos anos 1950, onde o sentimento quanto a imigrantes negros como “outros” era profundo (WATERS, 1997). Ainda assim, avaliar a sua forma e sua dinâmica junto aos esportes, ou mesmo na sociedade mais ampla, é muito difícil através de fontes convencionais. Estudos sociológicos contemporâneos apontam para a discriminação no mercado imobiliário ou para o “bem intencionado, mas áspero, humor” direcionado a colegas de trabalho negros. Mas eles raramente ilustram como esses são desempenhados na interação social ou o que os

trabalhadores brancos falavam e pensavam em particular (PATERSON, 1963, p. 50). Além disso, esses estudos têm sido criticados por menosprezar o alcance do racismo na Grã-Bretanha na década de 1950 (MILES, 1982). No esporte, os relatos da imprensa britânica sobre boxeadores negros nos anos 1950 usavam a cor como uma ferramenta descritiva, mas, não surpreendentemente para um fórum público, não demonstravam nenhum racismo evidente. O prêmio dado aos melhores boxeadores britânicos, como a Randolph Turpin, vencedor do campeonato de pesos-médio em 1951, esconde as atitudes raciais e as experiências dos negros na Grã-Bretanha em seu dia-a-dia (JOHNES e TAYLOR, no prelo). Esse romance ajuda a iluminar essa questão. Um estudo de Brixton de meados da década de 1950 sugere que um habitante do sul de Londres pode se orgulhar de apertar as mãos de uma celebridade esportiva negra, mas “isso não significa que ele necessariamente gostaria de tê-lo como um hóspede permanente em sua casa ou como marido de sua filha” (PATERSON, 1963, p. 273). *A Luta* auxilia o historiador na triangulação de tais afirmações e dá a elas uma voz humana, que poucos poderiam dar ao investigador social contemporâneo. A triangulação, no entanto, é essencial para o teste de afirmações como “a literatura (...) deve ser estudada visto que nos proporciona o acesso direto a mentes do passado” (THOMAS, 1988, p. 19). Comparar os romances com outras fontes é o que permite ao historiador avaliar o que é ficção e o que não é. Como conclui Marwick (2001, p. 170), os romances podem ser inestimáveis para o estudo de “valores, atitudes e visões do mundo”, mas o historiador que as utiliza não deve nunca esquecer de que se tratam de fontes ficcionais e tampouco eximi-las do “cuidado crítico aplicado a qualquer outra fonte” (MARWICK, 2001, p. 170).

Os Leitores

O que esse exemplo nos demonstra é como um romance ilustra atitudes históricas que estão geralmente ocultas em fontes mais tradicionais. Esse pode não ter sido o objetivo do romance, mas isso não é necessariamente importante. O que li no detalhe incidental foi o que Scannell usou para construir um romance realista e empolgante. Isso é o que muitos historiadores chamariam de um testemunho inconsciente (*unwitting testimony*). Ao triangular o romance com outras fontes, posso afirmar que ele “refletiu” atitudes socialmente mais amplas com relação à raça. Mas não pude demonstrar que o romance foi uma “força social”, que ele de fato influenciou o modo das pessoas verem o local da raça no boxe. Será que o fato de que Simon acaba por matar Sloane influenciou pessoas a pensar que lutadores negros eram selvagens? Será que o subsequente anúncio de Simon de sua aposentadoria e sua intenção de dar seu prêmio à viúva de Sloane encorajou pessoas a ver alguma humanidade nos bretões negros? Teria o livro ajudado nas relações raciais na Inglaterra dos anos 1950, ou teria ele as subvertido? E quanto ao boxe? Teriam os leitores achado que o boxe era um esporte brutal, ou teriam sido eles influenciados pelos relatos de sua arte heroica? Ou seria o livro apenas uma história empolgante, com um final trágico e alguns realces levemente heroicos?

Até esse ponto, entrei na armadilha destacada por Jonathan Rose (2002, p. 4). Ele argumenta que “os críticos continuamente cometem o que pode ser chamado de falácia repetitiva: eles tentam discernir as mensagens que um texto transmite a seus leitores examinando o texto, e não os leitores”⁸. Entretanto, apesar das aspirações dos historiadores,

⁸ Esse problema também se evidencia no trabalho de James Smith Allen (1983), um dos poucos historiadores que advogam teoricamente o potencial de romances como fontes históricas. Ele argumenta que ao examinar

entender como as pessoas liam e o que elas retinham do que leram é muito, muito difícil. Para responder essa questão precisamos olhar para além do romance. O historiador Jeffrey Richards (1988, p. 2) argumenta:

Não há sentido em se perguntar pelos relatos primários de pessoas comuns sobre como suas leituras ou lazer as afetou, uma vez que tal evidência não pode existir. A natureza da cultura popular e de seus consumidores não fornece nenhum meio de se articular tal resposta verbal consciente.

Pesquisas sociológicas, diários, autobiografias, história oral, cartas a jornais e muito mais podem, no entanto, nos dar um início, e a grande obra de Jonathan Rose, *The Intellectual Life of the British Working Classes* (2002), é um exemplo de como a história da leitura pode ser escrita da perspectiva dos receptores. Mas o problema é que essas fontes são muito seletivas em relação aos tipos de leitura que elas cobrem e o tipo de pessoa que compartilhou seus pensamentos nelas (ROSE, 2002, p. 1-2). É muito mais fácil começar com uma fonte dos receptores para depois responder questões sobre o que aquele indivíduo achou sobre o que ele ou ela leu, do que começar com um livro e então questionar o que seus leitores acharam dele. A história que Rose abarca, de leitores ao invés de textos, é muito difícil quando nos referimos a um romance relativamente obscuro. Assim, apesar de sua crença na influência social e cultural da ficção, o trabalho de Jeff Hill (2005) sobre *This Sporting Life*, um excelente, mas geralmente esquecido, romance (1960) e um filme (1963),

os temas, as visões e as estruturas da maior parte dos gêneros populares de romances, as mentalidades e os universos morais dos leitores podem ser penetrados. Sua justificativa para tal parece ser que a maioria dos romances populares são aqueles que elucidam as convenções e visões populares compartilhadas pela maior parte dos leitores daquele gênero. No entanto, essa perspectiva não deixa espaço para que leitores se sintam chocados ou se divirtam com mundos muito diferentes dos seus. Novamente, os leitores não podem ser considerados apenas através do texto.

ainda se concentra no texto, realizando apenas referências breves e passageiras sobre como foi de fato recebido⁹.

Rose responde parcialmente a tais problemas ao questionar: “[P]or que dedicar tamanha análise a algo que passou pelos leitores por apenas alguns minutos?” (ROSE, 2002, p. 6). Aqui, Rose estava escrevendo sobre uma transmissão de rádio, mas a pergunta também se aplica ao romance. A resposta se encontra parcialmente no que venho sustentando: que os romances iluminavam as atitudes sociais de seu tempo. Mas também existem outras razões. Historiadores são detetives, se debruçando sobre pistas, esperando encontrar “o culpado”, assim como quando, onde e, mais importante, o porquê. Para um detetive, encontrar uma única fonte que dê a ele ou a ela todas as respostas, e de forma que ele ou ela possa confiar, é um fato muito raro e de muita sorte. Ao invés disso, os historiadores utilizam muitas fontes fragmentadas, eles fazem deduções, leem por entre as linhas e procuram tanto pelo que não está lá quanto pelo que está. John Tosh (2002, p. 158-159) argumenta que “frequentemente os historiadores encontram lacunas nos relatos, que eles podem preencher somente sendo expostos minuciosamente às fontes sobreviventes, de forma a que eles tenham um “sentimento” ou um instinto sobre o que pode ter acontecido”¹⁰. Ler a ficção de um período ou de um tema é parte dessa exposição. Dessa maneira, os romances auxiliam o processo de compreensão de um tópico e a habilidade de inferir a partir de outras fontes. Mas os romances devem ser utilizados em conjunto com

⁹ Ele se refere a uma resenha do suplemento literário do jornal *The Times*, à falta de sucesso na bilheteria da versão do filme e do desgosto das autoridades do rúgbi quanto a ele (HILL, 2005).

¹⁰ Sobre a generalização a partir de fontes fragmentadas, ver Miles Fairburn (1999), capítulo 2.

outras fontes, caso o historiador deseje desemaranhar o real dos produtos da imaginação do romancista.

Mas isso ainda não nos leva à ideia do romance como uma força social, algo que molda seus leitores. Essa ideia se baseia no conceito mais amplo de que atividades e artefatos culturais, seja um livro, um filme ou mesmo um esporte, derivam seu significado tanto do ator quanto dos espectadores. Uma performance ou um trabalho não precisam ser entendidos pelos receptores da mesma forma que seu criador pretendeu. Assim, o historiador Roger Chartier escreve sobre “apreciação”, o poder dos espectadores de receber mensagens de sua própria maneira (apud ROSE, 2002, p. 6). Mas isso não significa que seja possível ler qualquer significado que se deseje em um texto. A linguagem, os horizontes culturais e o modo como um trabalho ou uma performance são construídos estabelecem limites e fronteiras de interpretação. Leitores interpretam textos dentro do contexto do que conhecem e os colocam no que o sociólogo Ervin Goffman chamou de “quadros”. Assim, um leitor convencional julga um texto em seu contexto, caso se trate de um romance, um relato verídico, panfletos de esquerda, entre outros (GOFFMAN, 1974). Dessa forma, desde que o leitor entenda o que um romance é, ele interpreta o romance como tal e não como ele quiser que ele seja. Ele pode gostar da ambientação realística, mas entende que a história em si não é real.

Deduzo, a partir da sobrecapa, da publicidade, e de todo o estilo de *A Luta*, que o quadro do livro para a maior parte de seus leitores foi o que pode ser chamado de realismo ficcional. Tratava-se de uma história que era ficcional, mas em um ambiente que parecia real, habitado por pessoas que pareciam plausíveis. A qualidade do relato da história pode outorgar ao romance certo grau de escapismo, mas ele era plausível. Este quadro de

realismo é o que dá ao livro valor como evidência de atitudes sociais e torna possível que ele *pudesse* influenciar atitudes de pessoas. Mas será que ele influenciou alguém? Para responder essa pergunta, precisamos saber quem leu o livro e como eles o leram.

Em primeiro lugar, simplesmente não sabemos ao certo quem leu o livro ou mesmo como foi sua vendagem. Scannell relatou em sua autobiografia que a primeira edição, publicada em capa dura pela pequena companhia Peter Nevill, vendeu “bem”, uma primeira tiragem de 3.000 e depois uma segunda impressão de mil cópias. Entretanto, o preço de 11 xelins e 6 pence não era barato e assim é improvável que tenha conquistado grande público. *A Luta* foi republicado em 1958 pela editora Corgi, mas infelizmente os donos da Corgi não possuem nenhum registro do livro e Scannell simplesmente observa em sua autobiografia que essa edição rendeu “um dinheirinho extra”. A série da Corgi tinha como objetivo tornar “livros bem sucedidos originalmente publicados a preços altos (...) acessíveis ao público mais amplo a um preço mínimo” (SCANNELL, 1953, p. 192; 1971, p. 156,184)¹¹. Essa edição de *A Luta* custou 2 xelins e 6 pence, o preço de 20 cigarros. Estava então em uma série acessível voltada ao público leitor de massa e isso sugere um número de leitores razoavelmente alto, ainda que não fosse alto o suficiente para assegurar outra edição. A pesquisa de Ferdynand Zweig, de 1958, sobre trabalhadores ricos, observou que os hábitos de leitura da classe operária eram tão variados que nenhuma generalização lhe faria justiça. Sua abrangência ia daqueles trabalhadores que nunca haviam pegado em um livro até aqueles que eram estudantes dedicados dos clássicos. A televisão também estava mudando os hábitos nessa década. Ela havia deixado pouco tempo para leitura para alguns e cerca de

¹¹ Correspondência eletrônica, Departamento de Publicidade, de Transworld Publishers para Martin Johnes, 19 abr. 2006, em posse do autor.

40 por cento das amostras de Zweig nunca lerem nenhum livro (ZWEIG, 1961, p. 101-103). De forma semelhante, enquanto as representações da vida da classe operária estavam crescendo na literatura de qualidade dos anos 1950, era reconhecido na época que os leitores permaneciam sendo predominantemente de classe média (HEWISON, 1981, p. 198). Dessa forma podemos concluir que o público em massa que as editoras desejavam não era necessariamente ligado à classe ou representativo de toda a classe operária. O assunto do romance, encapsulado no desenho do casaco de um boxeador abatido e em uma beleza sensual, provavelmente apelava ao significativo grupo de homens operários que Zweig notou se interessar por romances de faroeste, crime e mistério. Mas, ao fim, posso apenas especular que a leitura tenha sido dominada pelo significativo, porém limitado, grupo de homens operários e de classe média que já liam ficção popular. Como sugere o pós-modernismo, os historiadores nunca realmente sabem, mas eles podem inferir.

Em segundo lugar, e quanto a como as pessoas recebiam o livro? Apesar da crítica de Rose, sua premissa teórica essencial não é mais complicada do que afirmar que a construção da história dos leitores significa olhar para o que os leitores pensavam. A não ser que se encontre alguém que se lembre de ler o livro na época ou que por acaso escreveu alguma coisa sobre ele, isso será impossível. É evidente que as resenhas seriam uma pista de como ele foi recebido, mas localizá-las é similar a se encontrar agulhas em um palheiro, e não há nenhuma garantia de que um livro, em especial um romance popular, tenha recebido alguma resenha. A autobiografia de Scannell observa apenas que ele foi “em geral, recebido favoravelmente” (SCANNELL, 1971, p. 156). Um levantamento dos índices de *Punch*, *the Times* e do suplemento literário do *the Times* demonstra que *A Luta* não foi resenhado por eles. Uma breve resenha, localizada através do índice de *the News*

Statesman and Nation, aponta que o livro era “uma peça competente e conhecedora do jornalismo esportivo que, sendo também literatura e maleável, poderia ter sido mais interessante do que se demonstrou”. Ela reclama que o retrato do jornalista é convencional e que as descrições do jornalismo inglês e do boxe não saem do clichê. No entanto, o autor chama o boxe de *prize fighting*, um termo remanescente de século XIX, demonstrando assim sua falta de familiaridade com o esporte.¹² Resenhas são escritas por escritores literários bem formados, eles não necessariamente refletem o que um leitor comum pensaria. Os personagens no romance não são especialmente originais; eles misturam percepções populares do esporte, e isso é o que torna a descrição possível de ser acreditada e assim oferece potencialmente influência ao texto.

Em um debate sobre o uso de jornais, Hill (2006a, p. 127) concluiu que, com certa frequência, “o historiador interessado na resposta do leitor precisa se lançar em uma área de reconstrução imaginativa, de um trabalho de adivinhação inteligente”. Isso é mais fácil para a imprensa – onde as mensagens propostas tendem a ser diretas e mais claras – do que para um romance sutil, que pode aflorar uma variedade de respostas conflitivas e contraditórias. Minha “adivinhação inteligente” é que *A Luta* provavelmente não conquistou ninguém que fosse previamente cético a cause do boxe, uma vez que parece ser difícil que alguém que já sentisse repulsa pelo esporte se dispusesse a ler um “poderoso romance sobre as emoções humanas e o drama do ringue”. Infiro também que o romance reforçou tanto preconceitos quanto simpatias raciais. Teria havido uma variedade de respostas ao livro, assim com havia diversos pontos de vista nele, e as respostas provavelmente se baseariam em atitudes preexistentes, ao invés de criarem outras

¹² J.D. Scott. Resenha de *A Luta*, *New Statesman and Nation*, 18 abr. 1953.

totalmente novas. Os romances não eram forças sociais que operavam no vácuo. Existiam outras formas de mídia, que se retroalimentavam e geravam mensagens sobre questões similares simultaneamente¹³. Isso significa que desenredar precisamente de onde essas influências vêm é muito difícil. Havia imigrantes negros e boxeadores negros reais para as pessoas lerem nos jornais, verem na televisão, escutarem no rádio, e até mesmo trabalharem e conviverem. Sugiro que a compreensão e a experiência das pessoas dessa situação foram mais importantes para se moldar suas atitudes raciais do que ler um romance popular. Mais uma vez, não posso provar isso, mas o clássico tratado de Richard Hoggart (1992) sobre o estado da cultura de massas, publicado originalmente em 1957, sugere que os romances de “sexo e violência” de grande vendagem propiciavam “sensação sem comprometimento”, “fantasias” no lugar de “ação”. Eles empolgavam as pessoas ao invés de transformá-las em delinquentes. Ainda assim, o apelo de tal escapismo estava enraizado no que via como o “vazio penetrante” da vida urbana contemporânea (HOGGART, 1992, p. 207-208). Em outras palavras, os leitores sabiam o que era real e o que não era, mas sua leitura do ficcional estava enraizada em sua experiência de vida cotidiana.

A Arte da Aproximação

Espero ter demonstrado que apesar dos apelos para que a ficção seja estudada como uma força social no esporte e por uma história dos leitores mais do que apenas dos textos, enfrentar tais desafios é muito difícil. É muito mais fácil lidar com eles quando começamos com os leitores e questionamos o que eles leram e como isso os afetou, e não quando

¹³ Ao defender questão similar em relação à televisão moderna, Andrew Crisell (2006, p. 141) sugere que é melhor falar sobre os efeitos da mídia do que os da televisão.

iniciamos com um texto específico e então indagamos como ele foi lido. Caso comecemos com o texto, não importa qual seja nossa posição e ambição teórica, poderemos utilizar fontes ficcionais de maneiras convencionais, especialmente ao capturar o “espírito” de uma época e ao iluminar atitudes geralmente ocultas em outras fontes. É evidente que não há nada de errado com isso, e a ficção permanece sendo uma das melhores fontes para tais tarefas. Isso é ainda mais importante para a história do esporte, que em seu esforço de contextualizar e avaliar significância social, em geral negligencia o sentimento e a experiência física e psicológica de se praticar o esporte, algo que romances comentam. Além disso, como o historiador John Demos (1998) aponta, a apreciação de romances também ajuda os historiadores a se tornarem escritores melhores, mais atentos aos pequenos detalhes e à vida emocional.

Ir além disso – provar que textos possuíam força e que romances influenciavam as pessoas, colocar as perspectivas pós-modernas em prática – ainda permanece uma incerteza. Ao contextualizar o texto e os tópicos sob análise, podemos estimar o que *pode* ter sido lido e quem *pode* ter lido, mas isso não é nada igual aos relatos convincentes acerca da força do texto. Ainda assim, um relato sobre a influência de um único texto será sempre problemático, uma vez que qualquer força que tenha exercido terá sido parte de todo o meio de textos que influenciaram as pessoas a eles expostas. Distinguir qual influência veio de onde seria, de forma geral, impossível tanto para os leitores quanto para os historiadores. Ampliar o foco para se considerar todo um gênero literário é uma possibilidade de se ir além disso. Ainda seria impossível discernir a natureza exata das influências do gênero, mas considerando todos os possíveis leitores e todas as possíveis leituras, poderíamos começar a penetrar em como a leitura afeta o modo das pessoas enxergarem o mundo. Não

obstante, isso ainda estaria condicionado ao historiador que estivesse estimando as conexões entre os textos sob análise, as condições materiais e os horizontes psicológicos dos possíveis leitores, um conhecimento que deve ser destacado de outras fontes. Em outras palavras, estudar todo um gênero de romances pode ser um caminho melhor para se entender como a ficção operava como uma força social, mas sua prática ainda dependeria de uma contextualização imprecisa.

Oriard (1993, p. 79) acertou em cheio ao argumentar que “a história do esporte, na melhor das hipóteses, pode ser apenas uma arte de aproximação, um fato que não requer apologia ou defesa, apenas uma consideração cuidadosa”. O problema é que poucos historiadores estão dispostos a admitir essa arte de aproximação, com medo de que isso desvalorize suas pesquisas. Nesse ponto, o fato de que muitos dos que expõem as ideias modernistas na história raramente escrevem história de fato não os ajuda. Eles não dão exemplos a serem seguidos pelos outros. Apesar de todos os escritos teóricos sobre história pós-moderna, temos poucos exemplos de história pós-moderna de temas específicos, histórias que articulem *como* o mundo foi moldado por textos. O que o pós-modernismo nos deu foi a ideia de que os historiadores podem apenas deduzir a partir das fontes, que eles não podem nunca provar ou saber conclusivamente como foi o passado. Assim, o que os historiadores deveriam levar do pós-modernismo não é tanto um diferente tipo de história, mas uma sensibilização das falhas de nossa disciplina e a coragem de encará-las. Dave Sloane, o antiquado campeão peso-médio do império britânico, gostaria desse tipo de honestidade. No ringue, ele sabia de suas falhas e trabalhava para superá-las. Há aqui uma lição para os historiadores. Ela custou a vida de Sloane, mas, felizmente, a história não é tão perigosa quanto o boxe.

Referências

ALLEN, James Smith. History and the novel: mentalité in modern popular fiction. *History and Theory*, n. 22, 1983, p. 233-252.

BAIRNER, Alan. Football, society and the literary imagination: Sam Hanna Bell's The hollow ball and Robin Jenkins' A would-be sain. *Kunnskap Om Idrett*, n. 4, 2000, p. 30-42.

BOOTH, Douglas. *The field: truth and fiction in Sport History*. Londres: Routledge, 2005.

CRISELL, Andrew. *A study of modern television: thinking inside the box*. Basingstoke: Palgrave, 2006.

DEMOS, John. In search of reasons for historians to read novels. *American Historical Review*, n. 103, 1998, p. 1526-1529.

EVANS, Richard J. *In defense of History*. 2 ed. Londres: Granta, 2001.

FAIRBURN, Miles. *Social History: problems, strategies and methods*. Basingstoke: Macmillan, 1999.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

GUTTMANN, Allen. *From ritual to record: the nature of modern sports*. Nova York: Columbia University Press, 1978.

HEWISON, Robert. *In anger: culture in the Cold War, 1945-1960*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1981.

HILL, Jeffrey. *Sport, leisure and culture in twentieth-century Britain*. Basingstoke: Palgrave, 2002.

_____. Sport as ideology: History, literature and culture. Mimeo. Artigo apresentado na conferência "Educational and Sociological Issues in Sport and Physical Education", Universidade de Aarhus, Dinamarca, dez. 2004.

_____. Sport stripped bare: deconstructing working-class masculinity in 'This sporting life'. *Men and Masculinities*, n. 7, 2005, p. 405-423.

_____. Anecdotal evidence: sport, the newspaper press, and History. In: PHILLIPS, Murray G. (Org.). *Deconstructing Sport History: a postmodern analysis*. Albany: SUNY, 2006a, p. 117-129.

_____. Sport and literary *imagination*: Essays in History, literature and sport. Oxford: Peter Lang, 2006b.

HOGGART, Richard. *The uses of literacy*. New Brunswick: Transaction, 1992.

JENKINS, Keith. *Rethinking History*. Londres: Routledge, 1991.

JOHNES, Martin. *Soccer and society*: South Wales, 1900-39. Cardiff: University of Wales Press, 2002.

JOHNES, Martin; MELLOR, Gavin. The 1953 FA Cup final: tradition and modernity in British culture. *Contemporary British History*, n. 20, 2006, p. 263-280.

JOHNES, Martin; TAYLOR, Matthew. *Boxing and British society in the twentieth century*. No prelo.

MARWICK, Arthur. *The new nature of History*: knowledge, evidence, language. Basingstoke: Palgrave, 2001.

MILES, Robert. *Racism and migrant labour*. Londres: Routledge, 1982.

ORIARD, Michael. *Reading football*: how the popular press created an American spectacle. Chappel Hill: University of North Carolina Press, 1993.

_____. A linguistic turn into sport history. In: PHILLIPS, Murray G. (Org.). *Deconstructing Sport History*: a postmodern analysis. Albany: SUNY, 2006, p. 75-91.

PATERSON, Sheila. *Dark strangers*: a sociological study of the absorption of a recent West Indian migrant group in Brixton. Bloomington: Indiana University Press, 1963.

PHILLIPS, Murray G. (Org.). *Deconstructing Sport History*: a postmodern analysis. Albany: SUNY, 2006.

RICHARDS, Jeffrey. *Happiest days*: the public schools in English fiction. Manchester: Manchester University Press, 1988.

ROSE, Jonathan. *The intellectual life of the British working class*. New Haven: Yale University Press, 2002.

SCANNELL, Vernon. *The fight*. Londres: Peter Nevill, 1953.

_____. *The tiger and the rose*: an autobiography. Londres: Hamish Hamilton, 1971.

SHERRY JR., Vincent B. (Org.). *Dictionary of literary biography*. Vol. 27: poets of Great Britain and Ireland, 1945-1960. Detroit: Gale Research Co., 1984.

THOMAS, Keith. *History and literature: the Ernest Hughes memorial lecture*. Swansea, UK: Swansea University College, 1988.

THOMPSON, Willie. *Postmodernism and History*. Basingstoke, UK: Palgrave, 2004.

TOSH, John. *The pursuit of History: aims, methods and new directions in the study of Modern History*. 3 ed. Londres: Longman, 2002.

WATERS, Chris. Dark Strangers' in our midst: discourses of race and nation in Britain, 1947-63. *Journal of British Studies*, n. 36, 1997, p. 207-238.

ZWEIG, Ferdynand. The worker in an affluent society. *Family life and industry*. Londres: Heinemann, 1961.